



ECOFEMINISMOS ESPIRITUALISTAS NA AMÉRICA LATINA APÓS 1980

SPIRITUALIST ECOFEMINISMS IN LATIN AMERICA AFTER 1980

Tânia Zimmermann*

Resumo: Nesta pesquisa, investigo pensamentos ecofeministas territoriais latino-americanos em sua historicidade evidenciando trajetórias individuais e de coletivos em cruzamentos interseccionais. Para tal propósito, elenco Rosa Dominga Trapazo e o coletivo Talitha Cumi no Peru, Safina Newbery e o coletivo La Urdimbre de Aquehua na Argentina, Mary Judith Ress no Chile, Ivone Gebara no Brasil e o coletivo Con-spirando, Gladys Parentelli e o coletivo Gaia na Venezuela. O recorte temporal estende-se a partir de 1980, quando houve inúmeros eventos e encontros basilares para alçar as configurações de movimentos ecofeministas comunitários espirituais e da maior presença de ativistas e teóricas com publicações sobre o tema. Proponho uma pesquisa bibliográfica e empírica (entrevistas e relatos) revisando distintas perspectivas conceituais e categorias (heteropatriarcado, corpo-território, economia do cuidado, espiritualidades) que hodiernamente problematizam as relações de gênero em interseccionalidade com o meio ambiente e sua degradação em países da América Latina. Esses coletivos e ecofeministas arvoram um projeto ético e político que propõe uma alternativa à crise ecológica contemporânea, reconhecendo a existência do vínculo entre subordinação e violência contra as mulheres e a destruição da natureza.

Palavras-chave: Feminismos ecofeministas. Espiritualidades. Relações de gênero. Natureza.

Abstract: In this research, I scrutinize perspectives of Latin American territorial ecofeminist thoughts in their historicity, evidencing individual and collective trajectories at intersectional crossings. For this purpose I selected Rosa Dominga Trapazo and the collective Talitha Cumi in Peru, Safina Newbery and the collective La Urdimbre de Aquehua in Argentina, Mary Judith Ress in Chile, Ivone Gebara in Brazil and the collective Cons-pirando, Gladys Parentelli and the collective Gaia in Venezuela. The time frame extends from 1980 when there were numerous events and foundational meetings to raise up the configurations of spiritual community ecofeminist movements and the greater presence of activists and theorists with publications on

* Graduada em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, mestra em História pela Universidade Federal de Santa Catarina, doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina com créditos concluídos pela Universidade de Heidelberg (Alemanha) e estágio de pós-doutorado pela Universidade Federal do Paraná. Professora Associada na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). E-mail: taniazimmermann@gmail.com



the subject. I propose a bibliographical and empirical research (interviews and reports) reviewing different conceptual perspectives and categories (hetero-patriarchy, body-territory, economy of care, spiritualities) that nowadays problematize gender relations in intersectionality with the environment and its degradation in countries from Latin America. These collectives and ecofeminists have an ethical and political project that proposes an alternative to the contemporary ecological crisis, recognizing the existence of the link between subordination and violence against women and the destruction of nature.

Keywords: Ecofeminist feminisms. Spiritualities. Gender relations. Nature.

INTRODUÇÃO

O contexto das expressões teóricas e ações da teologia feminista e da teologia ecofeminista são marcadas pelo aprofundamento de políticas e governos neoliberais após 1980 em *Abya Yala*¹ e seus projetos destrutivos nas relações de trabalho, nos movimentos sociais e no meio ambiente.

A Cúpula da Terra no Rio de Janeiro em 1992 é considerada um marco histórico de intercâmbio entre ecofeministas² de *Abya Yala*, como Vandana Shiva, e de movimentos indígenas por ocasião dos quinhentos anos da invasão europeia. Nesse período, um grupo de teólogas feministas rompe com os limites do antropocentrismo para construir outra visão de mundo e utopia: a teologia ecofeminista em *Abya Yala*. Eram freiras influenciadas pela teologia da libertação, que não se dedicavam exclusivamente ao estudo, mas mantinham um trabalho político sustentado em comunidades pobres e marginalizadas, sobretudo, no âmbito das Comunidades Eclesiais de Base.

Estas religiosas alentavam uma espiritualidade³ cujas atitudes centralizam a vida em plenitude ontológica e dignidade humana em sua multiplicidade de aspectos políticos, sociais, culturais. Isso implica em mudança interior de religação cósmica em busca de uma vivência que produza transformações no interior humano levando a integração de si com os outros e o mundo. As religiosidades dessas mulheres se interconectam com a diversidade de espiritualidades

¹ *Abya Yala* é significado como “terra viva”, “terra madura” e “terra em florescimento”. Esse termo advém do idioma do povo Kuna, originário do Norte da Colômbia e que hoje habita a costa caribenha do Panamá. O nome é utilizado para se referir a América, em contraponto às denominações impostas pelo colonialismo europeu.

² O entendemos como uma perspectiva teórica, militante e plural surgido na França e que se espalhou como campo de luta política nos chamados países periféricos da América Latina, África e Ásia. Suas bases conceituais partilham que a dominação de mulheres e da natureza derivam das mesmas desigualdades sobre as quais se assenta o sistema capitalista patriarcal.

³ Entendemos espiritualidade como uma vivência que busca sentido e aprofundamento em si e no mundo e produz transformações no interior humano levando a integração de si com os outros e o mundo material e imaterial.

ancestrais na América Latina centradas em torno da ecologia, do equilíbrio ambiental, social, cultural e econômico.

Em relação as suas práticas espirituais, os rituais estão marcados com o compromisso de cura, de celebrar sensações e sentimentos que celebram a vida, suas vidas e da ancestralidade. Nestas práticas procuram exercitar a conexão consigo mesmas e com a ambiência em que vivem, os ciclos das estações do ano, o planeta e o universo em práticas de meditação e de contemplação para nutrir suas espiritualidades⁴.

Embora estas mulheres⁵ nas suas práticas em rede manifestem formas de meditação advindas da teologia cristã, também buscam o contato com outras cosmologias juntamente com a poesia, a música, as cores e a amizade. Para Ress⁶, as relações pessoais com as outras mulheres são fundamentais, pois ali elas podem compartilhar tanto tristezas e sofrimentos quanto alegrias e sonhos. Os círculos de mulheres se multiplicam em todos os lugares onde cada uma sente o apoio das demais, para vivenciarem um espaço de autoconhecimento, liberdade e cura.

Essas teólogas ecofeministas também evidenciam o viés androcêntrico e antropocêntrico da teologia da libertação ampliando análises sobre os mecanismos de opressão ao incluir o corpo-território⁷ das mulheres e o heteropatriarcado⁸ como lugar de reflexão e ação⁹. Elas construíram a imagem do Deus antipatriarcal, revendo o significado da Trindade, do sagrado, dos atributos divinos, dos símbolos cristãos e desenvolveram uma hermenêutica feminista. Também trouxeram visibilidade e interpretação de divindades femininas cristãs e não cristãs¹⁰.

Estas ativistas, ao perspectivar todas as formas de vida como sujeitos da ética e da atenção teológica ampliam as experiências de mulheres pobres, exploradas, brancas, negras,

⁴ RESS, Mary Judith. Las fuentes del ecofeminismo: una genealogía. **Con-spirando**, Santiago de Chile, n. 23, p. 2-8, mar. 1998.

⁵ A categoria mulheres refere-se a experiências e posicionamentos múltiplos de sujeitas sem conteúdo cristalizado na feminilidade, maternidade e sexualidade. A invenção dessa categoria deve-se a diferença resistindo a normatividade e exclusão.

⁶ RESS, 1998.

⁷ O corpo é o primeiro território e o corpo das mulheres e das identidades feminizadas é o lugar em que persistem as estruturas institucionais e institucionalizadas, onde se conformam as políticas hierárquicas e as estruturas de poder, ou seja, é a montagem corporificada de gênero, raça, classe, sexualidade e idade. Ver: MARCHESE, Giulia. Del cuerpo en el territorio al cuerpo-territorio: Elementos para una genealogía feminista latinoamericana de la crítica a la violencia. **Entre Diversidades: Revista de Ciencias Sociales y Humanidades**, Chiapas, v. 6, n. 2, p. 9-41, jul./dic. 2019. DOI: <https://doi.org/10.31644/ED.V6.N2.2019.A01>.

⁸ Entendemos como uma ordem política baseada no controle, na disciplina e na opressão das mulheres por meio de narrativas muito diversas e espalhadas e centrada na heteronormatividade. Ver: SEGATO, Rita Laura. **La guerra contra las mujeres**. Madrid: Traficantes de sueños, 2016.

⁹ RESS, Mary Judith. **Lluvia para florecer: Entrevistas sobre el ecofeminismo em América Latina**. Santiago de Chile: Con-spirando, 2002.

¹⁰ CABNAL, Lorena. Acercamiento a la construcción de la propuesta de pensamiento epistémico de las mujeres indígenas feministas comunitarias de Abya Yala. In: FEMINISMOS diversos: el feminismo comunitario. [S.l.]: ACSUR-Las Segovias, 2010. p. 11-25.

indígenas e de dissidentes em interseções diversas. Para as ecofeministas aqui elencadas, Gebara é uma intelectual militante de referência para fundamentar o trabalho político nessas experiências e construir uma metodologia e uma hermenêutica sobre o conhecimento corporificado e situado.

Estas ecofeministas espiritualistas teceram um trabalho coletivo e em rede para construir um espaço de articulação de suas ideias e práticas. Essa possibilidade surgiu no V Encontro Feminista Latino-Americano e Caribenho realizado na Argentina, em 1990¹¹. No ano seguinte nasceu Con-spirando, o coletivo ecofeminista mais influente de Abya Yala e promotor da revista com o mesmo nome, no qual escreveram textos todas as ecofeministas desta pesquisa. É uma organização horizontal, plural e multinacional que articula os campos da espiritualidade, teologia feminista e ecofeminismo e não depende da academia ou de qualquer organização religiosa¹².

TRAJETÓRIAS

Ivone Gebara e Mary Judith Ressa militam e escrevem nas publicações do Coletivo Con-spirando e não organizaram um coletivo ecofeminista específico nos países em que se estabeleceram, a saber Gebara no Brasil e Ressa no Chile. Ivone Gebara nasceu em São Paulo em 1944 e ingressou na Congregação das Irmãs de Nossa Senhora – Cônegas de Santo Agostinho em 1967, depois de graduar-se em filosofia. Doutorou-se em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e em Ciências Religiosas pela Universidade Católica de Lovaina.

Gebara foi adepta da Teologia da Libertação e desde 1973, passou a viver no Nordeste do Brasil, morando na Região Metropolitana do Recife em um bairro com população marginalizada. Por 17 anos também foi professora de filosofia e teologia no Instituto Teológico do Recife (ITER). Em 1993, colaborou na fundação das Católicas pelo Direito de Decidir (CDD).

Na década de 1990, devido as suas declarações sobre o aborto, foi processada e condenada pela Igreja, sendo-lhe imposto o silêncio obsequioso. Com isso, decidiu fazer seu segundo doutorado em Ciências da Religião, pela Universidade Católica de Louvain, na Bélgica, produzindo um livro sobre a questão do mal: “Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal”¹³. É uma das fundadoras da teologia feminista na América Latina, observando a

¹¹ PARENTELLI, Gladys. La Cumbre de la Tierra. **Con-spirando**, Santiago de Chile, n. 2, p. 46-47, oct. 1992.

¹² GEBARA, Ivone. **Longing for running water: ecofeminism and liberation** (Biblical reflections for ministry). Mineápolis: Fortress Press, 1999. p. 14.

¹³ GEBARA, Ivone. **Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal**. Petrópolis: Vozes, 2000a.

marginalização das mulheres na Igreja Católica e propondo uma releitura sobre mulheres bíblicas e as divindades femininas, auferindo uma dimensão plural a epistemologia religiosa e uma dimensão ecológica da fé.

Além disso, Gebara¹⁴ associa as violações contra as mulheres e contra a natureza com o antropocentrismo do relato bíblico da criação, o qual representa o homem como rei e senhor da criação cujo relato legitima as violações. Para ela urge uma nova interpretação bíblica sob a chave ecofeminista para desenvolver um pensamento teológico crítico e plural.

Mary Judith Ress (1942) nasceu nos Estados Unidos e assim como Trapasso foi missionária leiga da Congregação Maryknoll. É licenciada em teologia pela Universidad Bíblica Latinoamericana, em San José, Costa Rica, mestre em Política Econômica, pela Graduate School of Social Studies New York e em Língua Espanhola e Literatura, pela Universidad Internacional em Saltillo, México. Seu doutorado foi em teologia ecofeminista na San Francisco Theological Seminary, Califórnia – EUA. Neste período de formação, Mary Judith tornou-se professora de história e, junto com grupos de católicos progressistas, participou das marchas que exigiam justiça social. Após lecionar em uma escola feminina de Cuíca, no início dos anos 1970, partiu para uma missão que sua congregação tinha em El Salvador¹⁵.

Na década de 1970 se estabeleceu em El Salvador e David Molineaux, um carismático padre norte-americano, convocou religiosos adeptos da Teologia da Libertação para trabalhar no Peru e Mary aceitou o convite. Em 1977 estavam casados e se estabeleceram no Chile como missionários leigos, onde tiveram dois filhos. Em Santiago, ela conheceu a freira Ita Ford, que trabalhava com a população marginalizada e vinha da mesma congregação que ela. Ford foi uma das quatro missionárias estadunidenses que cuidavam dos refugiados da guerra civil em El Salvador em 1980, onde agentes do governo cometiam crimes de estupro e até assassinatos. A elas, Mary dedica a obra “Flores de Sangue”¹⁶.

No Chile, ela se torna uma das fundadoras do Coletivo e da Revista Con-spirando. Escreveu diversos textos e obras sobre espiritualidades e ecofeminismos, entre os quais citamos “Del Cielo a la Tierra: una antología de teología feminista”¹⁷; “Diosas y arquetipos: en memoria

¹⁴ Gebara é autora de mais de 30 livros entre os quais destacamos: GEBARA, Ivone: **Mulheres, religião e poder: ensaios feministas**. São Paulo: Terceira Via, 2017.; GEBARA, Ivone. **Teologia ecofeminista: ensaio para repensar o conhecimento e a religião**. São Paulo: Olho d'Água, 1997. Atualmente dedica-se a escrita, a ministrar cursos e palestras em vários países sobre temas diversos como hermenêuticas feministas, ecofeminismos, novas referências éticas e antropológicas e os fundamentos filosóficos e teológicos do discurso religioso.

¹⁵ MAY, Catalina; ROZAS, Daniel. La increíble vida de Mary Judith Ress: Monjas, sexo, política, asesinatos, feminismo, ecología y esoterismo. **The Clinic**, 4 mar. 2015. Disponível em: <https://www.theclinic.cl/2015/03/04/la-increible-vida-de-mary-judith/>. Acesso em: jan. 2023.

¹⁶ RESS, Mary Judith. **Blood flowers**. Bloomington: iUniverse, 2010.

¹⁷ RESS, Mary Judith; SEIBERT, Ute; SJØRUP, Lene (ed.). **Del Cielo a la Tierra: una antología de teología feminista**. Santiago: Sello Azul, 1994.

de Madonna Kolbenschlag"¹⁸; "Lluvia para florecer: entrevistas sobre el ecofeminismo en América Latina"¹⁹; e "Vírgenes y diosas en América Latina: La resignificación de lo sagrado"²⁰.

Ress percebe o ecofeminismo como uma evolução do feminismo. Para ela, trata-se de uma combinação de uma ecologia profunda com um feminismo que questiona constantemente o patriarcado: por que tanto domínio sobre as mulheres e sobre a natureza? "Temos que perceber onde estamos em nossa história, nossa relação com o planeta, que é um ser vivo, uma criação de Deus. Não podemos continuar destruindo assim. Estamos desconectados de nossa mãe, que é a pachamama"²¹.

No coletivo-rede Con-spirando há diferentes espaços de formação, uma escola feminina, uma escola anual de verão de teologia ecofeminista e uma proposta metodológica de sensibilização. Um dos eventos marcantes foi o curso de oito dias denominado: "Escola de Ética e Espiritualidade Ecofeminista, Mitos e Arquétipos", que ocorria anualmente em Santiago e também em outras cidades latino-americanas.

Em 1993, fundaram o "Centro Capacitar", cujo objetivo era propiciar um centro de espiritualidade e de saúde integral, além de um espaço de oficinas, encontros e jornadas voltadas para mulheres, organizações de setores populares, grupos ecumênicos, comunidades eclesiais de base etc. Esse centro contou com uma equipe integrada por profissionais de múltiplas especialidades como educadoras, teólogas, enfermeiras, especialistas em Reiki, antropólogas, psicólogas, biólogas, massoterapeutas, terapeutas corporais etc. para atuar nos retiros espirituais ecofeministas.

O coletivo celebra ritos e mantém uma biblioteca virtual, tornando-se um dos epicentros da política ecofeminista no continente. Uma de suas fundadoras, Mary Judith Ress²², explica as principais contribuições do coletivo: 1) traz aspectos da violência teológica contra as mulheres; 2) renomeia o sagrado reconectando-se com esse âmbito; 3) oferece uma teologia corporificada; e 4) traz uma perspectiva ecofeminista para a teologia.

Desde a criação do coletivo Con-spirando em 1991, sistematizou-se na revista os esforços do trabalho coletivo e da rede de ecofeministas, teólogas ou não, que deixaram registro de suas contribuições e trocas vivenciais sobre visões da ecologia, espiritualidade e ética. Desde sua primeira edição em 1992 até 2009, a revista se propôs a estabelecer uma rede regional de trabalho e de pesquisa. Também discutem a memória/história na perspectiva dos povos

¹⁸ RESS, Mary Judith. **Diosas y arquetipos**: en memoria de Madonna Kolbenschlag. Santiago: Con-spirando, 2001.

¹⁹ RESS, 2002.

²⁰ RESS, Mary Judith *et al* (org.). **Vírgenes y diosas en América Latina**: La resignificación de lo sagrado. Santiago/Buenos Aires: Con-spirando/ Red Latinoamericana de Católicas por el Derecho a Decidir, 2004.

²¹ RESS *apud* MAY; ROZAS, 2015, [n.p.]. (tradução própria)

²² RESS, 2006.

originários (mapuches, wakanakas, aimarás, maya quiche, xincas, mayas, guaranis, entre outros coletivos). Sobre a perspectiva da memória, Guzmán explica a diferença com relação ao ocidente e o feminismo branco:

Esta es una necesidad ineludible del feminismo comunitario como ejercicio de su autonomía epistemológica e histórica, recuperar la memoria descolonizándola, denunciando sus lecturas y clasificaciones arbitrarias, que plantean un feminismo de primera y otro de segunda, relación en la que ellas tienen que enseñar y nosotras tenemos que aprender, y 'evolucionar'.²³

Para Guzmán, construir a proposta de um feminismo comunitário implica em reconhecer a memória na América Latina e no Caribe e principalmente a memória de comunidade a qual permite reconhecer que houve e há feminismos sistêmicos e antissistêmicos, ou seja, feminismos que buscam um lugar no sistema de opressão e outros que lutam contra ele. Segundo Guzmán, as memórias ancestrais são vitais para construir movimentos comunitários e isto falta um pouco para o movimento feminista. “O movimento feminista, sobretudo na Europa, tem história, não tem memória. As feministas leem, estudam a história, mas o que precisam fazer é alimentar a memória, a energia do corpo, a responsabilidade política.”²⁴

Essa perspectiva da memória é incorporada pelo coletivo Con-spirando que, a partir de 1993, teve suas publicações em circulação trimestral. Cada edição continha cerca de 60 páginas, sendo que 40 delas eram dedicadas ao tema central de cada edição. A revista se manteve até a publicação de número 60 e hoje publica e informa em página na internet chamada Conspirando²⁵.

Con-spirando distribuiu 60 números especiais nos quais abordou temas como aborto, AIDS, prostituição, corpo e teologia, direito ao prazer, manifestações culturais indígenas, arte, criatividade, comunidade, fertilidade e violência e violência doméstica. Seus volumes também versaram sobre economias de subsistência, a Cúpula Mundial para o Desenvolvimento Social em Copenhague em 1995, a economia ecológica, os processos de descapitalização ambiental, a economia solidária, o fim das armas e do militarismo, a divisão sexual do trabalho, fontes de energia, produção e distribuição sustentável de alimentos, ecovilas e agroecologia, atitudes suicidas e fundamentalismos, além de suas revisões históricas da IV Conferência Internacional da Mulher em Pequim, em 1995.

Esse conjunto de escritos aquiesceu os debates ecofeministas em *Abya Yala*. Há outros coletivos orientados para a teologia ecofeminista ligados ao Con-spirando, como Caleidoscópio

²³ GUZMÁN, Adriana Arroio. **Descolonizar la Memoria, Descolonizar los Feminismos**. 2. ed. La Paz: Tarpuna Muya, 2019. p. 5.

²⁴ GUZMÁN, Adriana. O feminismo comunitário antipatriarcal é ação política, não teoria. Entrevista concedida a Vandrea Amante e Morgani Guzzo. Parte 1. **Portal Catarinas**, 2 mar. 2021. [n.p.]. Disponível em: <https://catarinas.info/adriana-guzman-o-feminismo-comunitario-antipatriarcal-e-acao-politica-nao-teoria/>. Acesso em: out. 2022.

²⁵ CONSPIRANDO. Santiago, c2016. Disponível em: <https://conspirando.cl/>. Acesso em: jan. 2023.



e Católicas por el Derecho a Decidir no Uruguai, Gaia na Venezuela, o Núcleo de Mulheres e Teologia na Guatemala, o coletivo Talitha Cumi no Peru e o coletivo La Urdimbre de Aquehua na Argentina. Todas as ecofeministas aqui elencadas na pesquisa escrevem ou escreviam para essa revista.

Estas ecofeministas espiritualistas em *Abya Yala* em sua maioria tiveram alguma relação com a Teologia da Libertação, cujas ações e perspectivas interseccionais denotam que pouco se identificam com movimentos feministas sistêmicos. Elas assumiram um leque de posições, mesmo que individualmente, com base em diferentes fontes: teologia da libertação, teoria feminista, teoria ecofeminista americana, ecologia profunda, psicologia analítica junguiana e diferentes visões de mundo, cosmovisões indígenas, entre outras.

Ress²⁶ pontua que esse leque de posições também ocorre internamente dadas as hierarquias de gênero, quer seja da igreja católica ou outra instituição religiosa, sobre as posições heterodoxas em relação a deus e aos homens. Estas pensadoras/ativistas e seus coletivos, além de um giro radical na teologia, também realizam um trabalho político nas comunidades e com pessoas invisibilizadas por políticas públicas, as quais estão expostas a violações estruturais, desigualdades e injustiças sociais. São essas feministas que acolhem outras mulheres mais pobres em bairros e lugares distantes e são as únicas que lá chegam para transcender a visão androcêntrica de mundo para asseverar princípios de justiça social, ética do cuidado, solidariedade e igualdade. Para Gebara:

Acontece que a opressão e a exclusão sofridas pelas mulheres parecem mais legitimadas por esse sistema baseado em uma hierarquia excludente baseada em gênero, raça, classe [...] uma posição ecofeminista para mim é uma posição política crítica baseada na luta antirracista, antissexista e antielitista.²⁷

É por isso que Gebara fundamenta seu discurso e seu pensamento na teologia ecofeminista como uma proposta crítica que, de alguma forma, inspirou a Encíclica *Laudato Si*. A teologia feminista latino-americana nasce de uma leitura com perspectiva de gênero da teologia da libertação, especialmente dos textos de Gustavo Gutiérrez e Leonardo Boff contrastados com o cotidiano de mulheres pobres, indígenas, excluídas, mães solteiras, enfermas, cuidadoras de enfermos e violados de diferentes maneiras.

Nas suas visões sobre o ecofeminismo, elas o entendem como pensamento e movimento social cuja conexão ideológica ocorre entre a exploração da natureza e a exploração das mulheres dentro do sistema hierárquico-patriarcal. Do ponto de vista filosófico e teológico, o ecofeminismo pode ser considerado como uma sabedoria que tenta recuperar o ecossistema e

²⁶ RESS, 2006.

²⁷ GEBARA, 1999. (tradução própria).

as mulheres. Estas foram relegadas pelo sistema patriarcal e particularmente pela modernidade a ser uma força de reprodução do trabalho como “ventres abençoados”, enquanto a natureza se tornava objeto de dominação para o crescimento do capital.

Mary Judith Ress²⁸ entende o ecofeminismo como o reconhecimento de que a interdependência de todas as coisas é a realidade constitutiva do universo. Gebara²⁹, por sua vez, alude que essa interdependência é o ponto-chave de uma epistemologia ecofeminista.

Nesse sentido, Rosa Dominga Trapasso³⁰ esclarece que o feminismo acrescido do ecofeminismo e mais os vínculos entre todas as formas de opressão e violência, desde a opressão dentro da família até a destruição do planeta, aduziu não só a uma nova epistemologia, mas, também, a novas coalizões de lutas.

Entre as pautas dessas ecofeministas destacamos o direito ao território, autonomia, soberania alimentar, reconhecimento dos direitos de mulheres (indígenas, rurais, camponesas, urbanas, negras), direitos sexuais e reprodutivos, autocuidado e autoconhecimento, novas visões no campo da espiritualidade e da formação de mulheres para fortalecer sua participação política. Estes temas foram causas em comum após o final da década de 1980 e continuam sendo pontos de articulação até o hodierno.

Entre as ações desses coletivos ecofeministas pontuamos o trabalho do grupo Conspirando nas suas lutas antipatriarcais, anti-imperialistas e antineoliberais, bem como do coletivo Talitha Cumi no Peru, o coletivo La Urdimbre de Aquehua na Argentina, e o coletivo Gaia na Venezuela. Em relação a espiritualidade relacionada a religiosidade cristã é possível observar também uma crítica a um Deus monoteísta masculino que racionaliza a alienação do meio ambiente, ao estilo de vida capitalista ocidental de consumo, de guerras que destroem a comunidade biótica e os grupos comunitários mais empobrecidos que não dispõem mais do mínimo necessário para a vida. São esses empobrecidos os principais consumidores da religião patriarcal porque nela buscam consolo. Daí a importância da crítica ao ordenamento patriarcal, sem o qual o capitalismo não poderia existir.

O coletivo Talitha Cumi no Peru foi criado no ano de 1983, após a participação de algumas mulheres no II Encontro Feminista Latino-americano e do Caribe, em Lima. Essas mulheres observaram a opressão das igrejas sobre as mulheres que denunciavam o sexismo e teve como uma das cofundadoras Rosa Domingo Trapasso (1924-2019). Rosa nasceu nos Estados Unidos e teve sua formação na Ordem Católica Mayknoll e se graduou em Serviço

²⁸ RESS, 2002.

²⁹ GEBARA, Ivone. **Intuiciones ecofeministas**. Ensayo para repensar el conocimiento y la religión. Madrid: Trotta, 2000b.

³⁰ TRAPASSO, Rosa Dominga. Ecofeminismo: Revisando nuestra conexión con la naturaleza. **Conspirando**, Santiago de Chile, n. 4, p. 2-6, jun. 1993.

Social naquele país. Ela se estabeleceu na Bolívia na década de 1960 e na década seguinte no Peru, para trabalhar no Caritas após um terremoto no país. Esteve na militância no Centro Flora Tristan e no grupo Alimuper com ações pela libertação das mulheres peruanas. Em Lima, trabalhou principalmente com moradores migrantes em ocupações e ficou admirada com a força das mulheres para prosseguir nas lutas pela família. Também organizou junto com Timotea um espaço chamado de *Creatividad y Cambio*, para a divulgação de textos mimeografados traduzidos especialmente do inglês sobre temas como o feminismo, mulheres e política mundial, que eram desconhecidos no Peru. Os valores desses textos eram bem acessíveis para estudantes de instituições públicas.

Trapasso também formou um grupo chamado *El Pozo*, o qual contava com uma equipe de voluntárias, muitas delas assistentes sociais, para conversar, apoiar e instruir mulheres que viviam na prostituição. Nos últimos 10 anos Rosa mudou-se para Arequipa, onde militou com feministas daquela região. Ela voltou para Lima para tratamento de saúde. Aos 92 anos, participou da manifestação massiva contra a violência contra a mulher “Nem uma a menos”³¹.

Segundo Trapasso, o nome do coletivo significa “Levanta-te Mulher” e vem de uma frase bíblica de Marcos 5:41. As Thalitas se apropriaram deste texto como um lema que reflete a luta para potencializar as mulheres a levantar-se. O grupo objetivou ser um espaço ecumênico com centralidade na condição das mulheres sob o patriarcado e a força da espiritualidade. Para ela, a espiritualidade vai mais além das paredes estreitas e rígidas da institucionalidade das igrejas, e como prática cultural conecta as pessoas no cotidiano. Trapasso entendia que havia uma influência religiosa cristã muito grande nas estruturas patriarcais e, por isso, era preciso vincular a destruição do planeta com todas as opressões, inclusive na família³².

O grupo fazia reuniões duas vezes por mês para reflexões, discussões e tomada de consciência da opressão nas vidas das mulheres, comunicando percepções e expectativas a outras mulheres das atividades nesse coletivo. No novo milênio, os temas que assumiram grande relevância nesse coletivo são: ética, ecologia e ecofeminismo. E sobre o ecofeminismo, Trapasso observa:

Petra Kelly nos recordó que el ecofeminismo se basa en el principio de unidad en la diversidad. Apreciamos, pues, la diversidad como enriquecimiento. Abrámonos a nuevas percepciones, aprendamos de pasado tan profundamente oculto dentro de nosotras. Aprendamos de la naturaleza, de todo el mundo no-

³¹ OLEA, Cecilia. Recuerdos con Rosa Dominga Trapasso. **BRAVAS**, Montevideo, n. 10, 2019. Disponível em: <https://www.revistabravas.org/recuerdos-rosa-dominga>. Acesso em: jan. 2023.

³² TRAPASSO, Rosa Dominga. 30 años de Feminismo en el Perú. Ponencia Presentada al Encuentro Nacional de Mujeres, 1999. Disponível em: https://docs.wixstatic.com/ugd/369a5b_141f455dc79e4f448fa5b3541cfe2488.pdf?index=true. Acesso em: jan. 2023.

humano a nuestro alrededor. Vayamos creando una nueva síntesis en que lo humano y lo no-humano puedan ser verdaderamente amigos/os y amantes.³³

Trapasso advoga que o ecofeminismo é muito mais do que apenas ser a favor da conservação dos bens naturais. Ela acredita no potencial das mulheres, nas suas capacidades criativas e na possibilidade de um mundo mais humanizado e espiritual para transformar a sociedade. Para ela, isso é um processo rumo a uma sociedade que rompa com o antropocentrismo e onde nos recoloquemos entre todos os elementos da criação. Para ela, não será um caminho fácil. É realmente uma política de resistência, uma luta pelo bem-estar do planeta, uma luta pela transformação de todas as relações sociais³⁴.

O coletivo Gaia foi fundado em janeiro de 1995 em Caracas na Venezuela e tem por fundadoras Rosa Trujillo e Gladys Parentelli (1935). Gladys é fotógrafa e teóloga feminista uruguaia e ecofeminista latino-americana que vive na Venezuela desde 1969. Ela foi nomeada pelo Papa Paulo VI, juntamente com mais duas latino-americanas como “observadoras” do Concílio Vaticano II. Foi um evento no qual pela primeira vez mulheres entraram oficialmente em um Conselho, mas foram pouco ouvidas. Devido a diminuta participação das e dos auditores leigos durante os trabalhos conciliares, Gladys não participou da sessão de encerramento.

Em sua trajetória, desde muito jovem esteve ligada aos ramos juvenis da Ação Católica, primeiro a Juventude Estudantil Católica (JEC) e depois a Juventude Agrária Católica (JAC). Em 1957 conseguiu uma bolsa de estudo para um curso no Chile e dois anos depois foi nesta condição de bolsista para estudos sobre métodos da Juventude Católica Agrária em diferentes países como a França, Bélgica, Alemanha, Holanda e Luxemburgo.

Em 1964, Gladys foi para a Europa trabalhar nos grupos católicos ligados ao *Mouvement International de la Jeunesse Agricole et Rurale Catholique* (MIJARC). Ela havia sido eleita presidente do ramo feminino e foi morar em Leuven, na Bélgica. A tarefa que lhe foi atribuída era a de ser responsável pela extensão do movimento à América Latina, África Ocidental Francesa e Argélia. Em 1969 Gladys foi enviada pelo MIJARC para trabalhar na Venezuela. Também a organização *International Women's Auxiliaries* a convidou para começar a avaliar programas de treinamento para jovens agricultoras. Ali coordenou um projeto de educação familiar e sexual, financiado pela UNICEF. Neste projeto, ela entrelaçou o tema educação sexual e proteção ambiental.

Ela trabalhou em diversas instituições nacionais e internacionais. Também coordenou a Documentação da Rede Universitária Venezuelana de Estudos da Mulher. Além de participar na fundação do Gaia, Manuelita Sáenz, La Mala Vida, Católicas pelo Direito de Decidir e da ONG

³³ TRAPASSO, 1993, p. 6.

³⁴ TRAPASSO, 1993, p. 4.

de Mujeres, protagonizou a organização do Movimento da Juventude Agrária Católica Feminina bem com a Rede Latino-Americana de Teologia e Espiritualidade Ecofeminista na Venezuela³⁵.

Gladys militou pela teologia feminista por décadas e ecofeminista nas últimas duas, passando muito brevemente pela teologia da libertação. Para ela, o homem não é o centro do universo e se pergunta sobre que fundamento, como humanidade, construímos uma suposta superioridade sobre os animais e as plantas. Gladys entende que esse vínculo entre a mulher, o planeta Terra e Deus é importante na medida em que não se trata apenas da compreensão das forças religiosas-culturais que contribuem para manter a mulher cativa das decisões políticas, “mas também por sua vez é uma percepção que aponta novos caminhos no sentido da existência humana para a Percepção do Mistério de Deus esse imenso Mistério no planeta Terra”³⁶.

O nome do coletivo se deve a deusa grega Terra e é também uma denominação usada por biólogos para se referir ao planeta como um sistema que se comporta como um organismo vivo. O conceito Gaia também é difundido por aqueles que buscam uma nova espiritualidade. O trabalho nesse coletivo é direcionado a mulheres organizadas ou em organização com distintas formas de apoio e diversas áreas temáticas com ênfase na realidade a partir de uma perspectiva de gênero.

O principal objetivo do grupo é promover os direitos das mulheres com a finalidade para alcançar plena realização na condução da vida social, econômica, política e espiritual no seu país. As atividades principais do coletivo são cursos de formação e oficinas em temas como prevenção de violências, autodefesa, liderança, direitos humanos e direitos das mulheres, teorias feministas, espiritualidades e teologia ecofeminista. Oferecem também orientação jurídica e informação através de uma biblioteca e edição de materiais para o trabalho de grupo, sobretudo sobre os problemas mais emergentes para as mulheres para guiar reflexões e ações³⁷.

Safina Newbery (Sara Josefina Newbery) é umas das fundadoras do coletivo La Urdimbre de Aquehua. Newbery (1922-2003) foi teóloga e antropóloga ecofeminista, lésbica e criadora de espaços para pensar as sexualidades. Na juventude, optou pela fuga do matrimônio e em 1943 frequentou o Instituto de Cultura Religiosa Superior (ICRS), onde estudou religião e moral e, em 1946, ingressou na Companhia do Divino Mestre (CDM), mas percebeu que aquela estrutura não dava conta de suas perspectivas. No final de 1951, Sara deixou o CDM e obteve a dispensa dos votos e, pouco depois, em 1953, viajou para a Europa e continuou a estudar

³⁵ GLADYS Parentelli. Biography. **People Pill**, [s.d.]. Disponível em: <https://peoplepill.com/people/gladys-parentelli>. Acesso em: jan. 2023.

³⁶ BARRALES, Dahiana; SCAFATI, María Alejandra. Fe feminista: las historias de las colonienses Ana María Rübens y Gladys Parentelli. **Conefe**, Buenos Aires, 17 mar. 2021. [n.p.]. Disponível em: <https://www.conefe.net/noticias/fe-feminista-las-historias-de-las-colonienses-ana-maria-rbens-y-gladys-parentelli>. Acesso em: jan. 2023. (tradução própria)

³⁷ PARENTELLI, Gladys. ¿Por qué *Gaia*? **Con-spirando**, Santiago de Chile, n. 17, p. 50, sep. 1996.

esporadicamente. Em 1956, voltou para a Argentina e entre 1956 e 1960 concluiu o ensino médio e ingressou no curso de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires. Um ano depois, em 1961, cursou Antropologia Social, concluindo em 1971, quando tinha 48 anos³⁸. Foi docente de Antropologia Aplicada na *Escuela de Asistencia Social* (EAS).

Ainda na universidade, em 1965, Safina foi chamada para trabalhar como recenseadora no primeiro Censo Nacional Indígena (CIN). Suas tarefas relacionadas a este trabalho se estenderam até 1967, experiência que lhe permitiu conhecer a vida dos coletivos Tobas (autodenominados Qom) e dos Pilagás. Os Tobas são um grupo racializado, encurralado e perseguido de caçadores-coletores pela expansão da fronteira agrícola para o cultivo do algodão que viviam no noroeste da Argentina, partes da Bolívia e do Paraguai. Essa pressão sobre seu território fez com que muitos integrantes do grupo migrassem para a periferia das grandes cidades³⁹. Com esse conhecimento fundou, em 1993, o grupo La Urdimbre de Aquehua, de orientação ecofeminista espiritualista, coletivo do qual foi uma das promotoras e difusoras na América Latina. Este coletivo adquiriu particularidades no continente alicerçado fundamentalmente na revalorização das cosmologias originárias e na ênfase na práxis de libertação⁴⁰. O grupo existia desde 1989 com o nome de *Movimiento Mujer-Iglesia*.

Na década de 1980, foi uma das iniciadoras do Lugar de Mujer, participou do Católicas pelo Direito de Decidir e da Coordenadoria pelo Direito ao Aborto. Para Safina, urdimbre se referia a teia que as mulheres iriam tecer no coletivo diante da deterioração da solidariedade social devido ao impacto das políticas neoliberais na década de 1990.

Newbery trouxe a ideia de uma urdidura, pois desde tempos imemoriais as mulheres selecionam e preparam os melhores fios para tecer, cujos tecidos abrigam a vida. Ela percebia a necessidade de ainda tecer, procurar e descobrir fios de sabedoria e crenças antigas para dar à luz a imagem e ação de libertação do amor pela vida e afetos, erotismo corporal, capacidade psíquica e mental de mulheres. Segundo ela, as mulheres, por estarem ausentes dos espaços de produção de conhecimentos, são vítimas das disparidades econômicas e políticas⁴¹.

Também observa que a violência dessa dominação impossibilitou que os fios dessa sabedoria e crenças preparasse a urdidura com a qual seria possível tecer uma trama capaz de dar luz e uma imagem integral das mulheres. “Somos mujeres y tenemos la vocación de aportar

³⁸ SAN MARTÍN, Celina. *A mi adorada Vic*. Reflexiones de Sara Josefina Newbery durante el primer Censo Indígena Nacional. **Corpus**, Mendoza, v. 11, n. 2, 2021. p. 2. DOI: <https://doi.org/10.4000/corpusarchivos.5222>.

³⁹ CIRIZA, Alejandra. Tramar/urdir/anudar genealogías feministas situadas. Los desafíos del espacio y el tiempo. **La Aljaba**, Santa Rosa, v. 24, p. 145-157, 2020. Disponível em: <https://cerac.unlpam.edu.ar/index.php/aljaba/article/view/4687/5790>. Acesso em: jan. 2023.

⁴⁰ CIRIZA, 2020.

⁴¹ NEWBERY, Safina. Niñas buenas, niñas malas: testimonios y reflexiones. **Con-spirando**, Santiago de Chile, n. 17, p. 12-19, 1996. p. 13.

los procesos que produzcan la transformación de los discursos dominantes, con la reparación del tejido social tan deteriorado por la violencia de esa dominación.”⁴²

Segundo Safina, até a ciência entende que a vida é uma teia de relações e que o cosmos inteiro também é. Essas relações se dão não somente num espaço, mas em um tempo também. “Estamos conectadas con lo que nos rodea, con la gente, con el sol, con la lluvia, así como nuestro pasado, con nuestra historia. Hay un espacio y um tiempo común”⁴³.

Dessa conexão nasce uma nova ética que Newbery chama de ética da relacionalidade e da reciprocidade, na qual todos nós estamos nos relacionando como um tecido, como fios de um tear. Na perspectiva ecofeminista, o símbolo é uma rede que une todo o universo como uma grande comunidade. No entanto,

El mundo patriarcal em que vivimos nos ha desconectado de estas redes vitales, jerarquizándolo todo. Y es esta jerarquización lo que está llevándonos a la destrucción de la vida. Descubrimos como seres relacionales, como partes de una red - y que por ello nada de lo que pasa entre la gente y em el cosmos puede sernos ajeno – es el primer objetivo de la ética relacional. Es importante decir: Y soy yo y más que yo.⁴⁴

Na observância dessas questões, esses coletivos e as ecofeministas aqui nomeadas incorporaram nas suas agendas temas como a defesa do corpo-território, a reivindicação da importância dos saberes tradicionais, os direitos das meninas e mulheres jovens, acesso a fontes de energia, produção e distribuição sustentável de alimentos e da água, criação de ecovilas e promoção da agroecologia, da economia ecológica, dos processos de descapitalização ambiental, da economia solidária. Também advogam o fim das armas e do militarismo, dos fundamentalismos propondo revisões históricas da IV Conferência Internacional da Mulher em Pequim, em 1995, que se tornou uma referência nos debates ecofeministas em *Abya Yala*.

Nesses coletivos e ativistas existem pontos comuns como o repensar das relações entre os seres humanos e a natureza, advindos do protagonismo das organizações de mulheres indígenas. Nesse sentido, destacam o posicionamento do feminismo comunitário em relação aos princípios de reciprocidade que regem a comunidade, a noção de Pachamama entendida como um todo e o questionamento das implicações sexistas do conceito de Mãe Terra, conforme nos explicita Guzmán:

Pacha, é o todo, o tempo, o território, o ar, as estrelas, tudo. Diferente da palavra Pachamama, Adriana Guzmán usa o termo ‘Pacha’, e explica: ‘mama é mulher adulta, não é mamá, não é mãe. Pachamama é a terra, a natureza, de cima do ar, daqui da terra, os rios, as montanhas, e de baixo, a água, o gás, os recursos todos. Não é ‘madre tierra’ (mãe terra), essa é uma tradução machista que se

⁴² NEWBERY, Safina. Haciendo las conexiones. La Urdimbre de Aquehua. **Con-spirando**, Santiago de Chile, n. 3, p. 50, 1993.

⁴³ NEWBERY, 1996, p. 13.

⁴⁴ NEWBERY, 1996, p. 13.

usa há uns 15 anos, sobretudo desde que o ex-presidente Evo Morales falou dos direitos da 'madre tierra'. Mas não é 'madre' (mãe). Para nós, é importante dizer isso para denunciar o machismo, mas também o conceito de mãe que se impõe à natureza desde a perspectiva patriarcal – mãe, útero que reproduz e alimenta. Todo o mundo fala de 'madre tierra' e não é assim nas cosmovisões dos povos, nem aymara nem outros em México também. É uma feminização e, portanto, uma dominação da natureza'.⁴⁵

Guzmán observa que o problema fundamental que enfrentam é a violência patriarcal em suas várias formas: classista, racista, governamental, corporativa, local, militar, paramilitar, criminosa e familiar. Patriarcado esse de extrema violência e aniquilação contra aquelas que se assumem como sujeitos políticos femininos em defesa da integridade de nossos corpos-territórios, pois esta autora reitera a importância da recuperação do corpo-território, pois,

[...] somos parte da natureza, somos parte da Pacha. Como não nos vai doer que destruam os solos? Como não nos vai doer que contaminem os rios? Assim como nos dói nossos corpos quando nos humilham, quando matam os nossos filhos, ou quando violam as nossas filhas?⁴⁶

Nessa perspectiva torna-se fundamental articular a memória e as relações comunitárias de solidariedade para a sobrevivência planetária. O ecofeminismo comunitário territorial espiritualista torna-se uma proposta concreta de ações, pois pretende ir além da descrição de como funciona o sistema, como o patriarcado opera assim como o sistema sexo e gênero e suas desigualdades socioambientais.

Essas ecofeministas imbricaram espiritualidades dos coletivos aqui há muito estabelecidos resistindo à imposição judaico-cristã patriarcal que deslegitimou espiritualidades, religiões e tradições sagradas não-cristãs. Estas espiritualidades "outras" permaneceram e são fundamentais para a vida e lutas dos povos, pois em suas cosmovisões não há uma separação entre toda forma de vida e a transcendência espiritual.

Esses coletivos têm por foco uma nova criatividade comum com a interdependência entre o antigo e o novo. Nas suas práticas reflexivas coletivas elas trazem expressões criativas das suas vivências espirituais, as quais podem ser um poema, uma oração, uma foto. Elas também reconhecem que não há uma única chave ou palavra para entender quem são e para onde vão. Estão certas de que a busca por caminhos mais afetivos e efetivos é fundamental para que a comunidade inteira viva com mais dignidade e com justiça socioambiental.

⁴⁵ GUZMÁN, Adriana. "Meu corpo faz parte do corpo político, do corpo comunitário de Pacha". Entrevista concedida a Vandrezza Amante e Morgani Guzzo. Parte 2. **Portal Catarinas**, 12 mar. 2021. [n.p.]. Disponível em: <https://catarinas.info/adriana-guzman-meu-corpo-faz-parte-do-corpo-politico-do-corpo-comunitario-de-pachamama/>. Acesso em: out. 2022.

⁴⁶ GUZMÁN, 12 mar. 2021, [n.p.].



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trazer ações e pensamentos coletivos e individuais de mulheres ecofeministas espiritualistas de *Abya Yala* e de seus coletivos também é um ato político, bem como um convite para tecer histórias “na região mais vegetal do tempo e da luz”, segundo canção de Mercedes Sosa. Estas ecofeministas dão esperanças aos coletivos de mulheres originárias e demais mulheres as quais vivem em intensidade as afetações dos processos exploratórios da colonização e da conquistualidade permanente de seus corpos-territórios.

São mulheres que estão à espreita na defesa de seus corpos-territórios e de suas comunidades desafiando governos neocoloniais, mas também desafiam as teorizações das feministas epistêmicas em relação a geopolítica da colonialidade e do conhecimento. As práxis das ecofeministas antissistêmicas podem permitir diálogos e traduções contextualizados ontologicamente. Essas décadas de lutas que remontam a vários séculos sempre tiveram um sentido explícito: irmandade, alteridade, justiça e libertação. A utopia e ou as ações ecofeministas antipatriarcais se fazem e se replicam no fazer.

A decolonialidade de saberes e poderes tem interposto novas configurações de lutas, sobretudo por mulheres indígenas, negras, urbanas e campesinas, em relação a seus corpos-territórios. Essas lutas imbricam questões relativas as subjetividades e intersubjetividades em relação a uma ampliação de interseccionalidades opressivas diante das políticas antidemocráticas.

Ao subsumir esses agenciamentos móveis estabelecemos uma relação intrínseca com a história das mulheres, as relações de gênero e os feminismos, pois, suas discussões e ações de lutas aludem a resistências e pluralidades de sujeitos e agentes, somando-se nas intervenções pelos espaços de criação da vida solidária e igualitária. As teóricas propõem algumas respostas como alternativa à atual crise ecológica atrelada ao modelo de dominação capitalista-patriarcal, perspectivando um novo projeto ético e político e reconhecendo a existência do vínculo entre subordinação e violência contra as mulheres e a destruição da natureza.

Sem dúvida, esses movimentos ecofeministas diversos e insurgentes são movimentos sociais importantes na América Latina nas últimas décadas. Nas suas urdiduras, é decisivo o reconhecimento das genealogias que possibilitaram os seus surgimentos, assim como o seu caráter tenso e a tentativa de mostrar as teias de visibilidade e invisibilidade. Se hodiernamente a questão das identidades tem amplo destaque, outras questões, como as relações entre capitalismo, patriarcado e meio ambiente, passaram a ocupar um lugar importante nas práticas e teorias.

Estas ecofeministas e seus coletivos articularam diferentes espiritualidades e se inspiraram no movimento por justiça social com críticas às formas patriarcais pelas quais o cristianismo foi transmitido. Para elas, nesse movimento é fundamental reconstruir o corpo da terra, o corpo humano e nossa relação com todos os corpos vivos e não-vivos enquanto tarefa do ecofeminismo. Estas ecofeministas apostam no sonho do ecofeminismo, no qual se anseia pelo reconhecimento fundamental de que as pessoas são um corpo-território com todas as suas nuances e diversidades.

REFERÊNCIAS

BARRALES, Dahiana; SCAFATI, María Alejandra. Fe feminista: las historias de las colonienses Ana Maria Rübens y Gladys Parentelli. **Conefe**, Buenos Aires, 17 mar. 2021. Disponível em: <https://www.conefe.net/noticias/fe-feminista-las-historias-de-las-colonienses-ana-maria-rbens-y-gladys-parentelli>. Acesso em: jan. 2023.

CABNAL, Lorena. Acercamiento a la construcción de la propuesta de pensamiento epistémico de las mujeres indígenas feministas comunitarias de Abya Yala. *In: FEMINISMOS diversos: el feminismo comunitario*. [S.l.]: ACSUR-Las Segovias, 2010. p. 11-25.

CIRIZA, Alejandra. Tramar/urdir/anudar genealogías feministas situadas. Los desafíos del espacio y el tiempo. **La Aljaba**, Santa Rosa, v. 24, p. 145-157, 2020. Disponível em: <https://cerac.unlpam.edu.ar/index.php/aljaba/article/view/4687/5790>. Acesso em: jan. 2023.

CONSPIRANDO. Santiago, c2016. Disponível em: <https://conspirando.cl/>. Acesso em: jan. 2023.

GEBARA, Ivone. **Intuiciones ecofeministas**. Ensayo para repensar el conocimiento y la religión. Madrid: Trotta, 2000b.

GEBARA, Ivone. **Longing for running water: ecofeminism and liberation** (Biblical reflections for ministry). Mineápolis: Fortress Press, 1999.

GEBARA, Ivone: **Mulheres, religião e poder: ensaios feministas**. São Paulo: Terceira Via, 2017.

GEBARA, Ivone. **Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal**. Petrópolis: Vozes, 2000a.

GEBARA, Ivone. **Teologia ecofeminista: ensaio para repensar o conhecimento e a religião**. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

GLADYS Parentelli. Biography. **People Pill**, [s.d.]. Disponível em: <https://peoplepill.com/people/gladys-parentelli>. Acesso em: jan. 2023.

GUZMÁN, Adriana Arroio. **Descolonizar la Memoria, Descolonizar los Feminismos**. 2. ed. La Paz: Tarpuna Muya, 2019.



GUZMÁN, Adriana. “Meu corpo faz parte do corpo político, do corpo comunitário de Pacha”. Entrevista concedida a Vandrezza Amante e Morgani Guzzo. Parte 2. **Portal Catarinas**, 12 mar. 2021. Disponível em: <https://catarinas.info/adriana-guzman-meu-corpo-faz-parte-do-corpo-politico-do-corpo-comunitario-de-pachamama/>. Acesso em: out. 2022.

GUZMÁN, Adriana. O feminismo comunitário antipatriarcal é ação política, não teoria. Entrevista concedida a Vandrezza Amante e Morgani Guzzo. Parte 1. **Portal Catarinas**, 2 mar. 2021. Disponível em: <https://catarinas.info/adriana-guzman-o-feminismo-comunitario-antipatriarcal-e-acao-politica-nao-teoria/>. Acesso em: out. 2022.

MARCHESE, Giulia. Del cuerpo en el territorio al cuerpo-territorio: Elementos para una genealogía feminista latinoamericana de la crítica a la violencia. **EntreDiversidades: Revista de Ciencias Sociales y Humanidades**, Chiapas, v. 6, n. 2, p. 9-41, jul./dic. 2019. DOI: <https://doi.org/10.31644/ED.V6.N2.2019.A01>.

MAY, Catalina; ROZAS, Daniel. La increíble vida de Mary Judith Ress: Monjas, sexo, política, asesinatos, feminismo, ecología y esoterismo. **The Clinic**, 4 mar. 2015. Disponível em: <https://www.theclinic.cl/2015/03/04/la-increible-vida-de-mary-judith/>. Acesso em: jan. 2023.

NEWBERY, Safina. Haciendo las conexiones. La Urdimbre de Aquehua. **Con-spirando**, Santiago de Chile, n. 3, p. 50, 1993.

NEWBERY, Safina. Niñas buenas, niñas malas: testimonios y reflexiones. **Con-spirando**, Santiago de Chile, n. 17, p. 12-19, 1996.

OLEA, Cecilia. Recuerdos con Rosa Dominga Trapasso. **BRAVAS**, Montevideo, n. 10, 2019. Disponível em: <https://www.revistabravas.org/recuerdos-rosa-dominga>. Acesso em: jan. 2023.

PARENTELLI, Gladys. La Cumbre de la Tierra. **Con-spirando**, Santiago de Chile, n. 2, p. 46-47, oct. 1992.

PARENTELLI, Gladys. ¿Por qué *Gaia*? **Con-spirando**, Santiago de Chile, n. 17, p. 50, sep. 1996.

RESS, Mary Judith. **Blood flowers**. Bloomington: iUniverse, 2010.

RESS, Mary Judith. **Diosas y arquetipos**: en memoria de Madonna Kolbenschlag. Santiago: Con-spirando, 2001.

RESS, Mary Judith *et al* (org.). **Vírgenes y diosas en América Latina**: La resignificación de lo sagrado. Santiago/Buenos Aires: Con-spirando/ Red Latinoamericana de Católicas por el Derecho a Decidir, 2004.

RESS, Mary Judith. Las fuentes del ecofeminismo: una genealogía. **Con-spirando**, Santiago de Chile, n. 23, p. 2-8, mar. 1998.

RESS, Mary Judith. **Lluvia para florecer**: Entrevistas sobre el ecofeminismo em América Latina. Santiago de Chile: Con-spirando, 2002.

RESS, Mary Judith; SEIBERT, Ute; SJØRUP, Lene (ed.). **Del Cielo a la Tierra**: una antología de teología feminista. Santiago: Sello Azul, 1994.



SAN MARTÍN, Celina. *A mi adorada Vic*. Reflexiones de Sara Josefina Newbery durante el primer Censo Indígena Nacional. **Corpus**, Mendoza, v. 11, n. 2, 2021. DOI: <https://doi.org/10.4000/corpusarchivos.5222>.

SEGATO, Rita Laura. **La guerra contra las mujeres**. Madrid: Traficantes de sueños, 2016.

TRAPASSO, Rosa Dominga. 30 años de Feminismo en el Perú. Ponencia Presentada al Encuentro Nacional de Mujeres, 1999. Disponível em: https://docs.wixstatic.com/ugd/369a5b_141f455dc79e4f448fa5b3541cfe2488.pdf?index=true. Acesso em: jan. 2023.

TRAPASSO, Rosa Dominga. Ecofeminismo: Revisando nuestra conexión con la naturaleza. **Con-spirando**, Santiago de Chile, n. 4, p. 2-6, jun. 1993.

Recebido em: 17 fev. 2023.

Aceito em: 20 jul. 2023.